A universidade em diferentes momentos contemporâneos da midiatização

Entrevista com Antônio Fausto Neto

Ângelo Jorge Neckel[1]

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (RS).

Fernanda Lagroteria Ribeiro de Carvalho[2]

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (RS).

Em conferência no IV Seminário Internacional em Midiatização e Processos Sociais, o Prof. Dr. Antônio Fausto Neto refletiu sobre a relação da universidade com o conhecimento no contexto da midiatização. Fausto Neto analisa a universidade como instituição de mediação, a reboque do processo de marketização e das lógicas de interação de outros ambientes, e, por fim, como instituição que interroga o seu próprio futuro em um cenário de incertezas que se agravam em tempos pandêmicos. A entrevista foi realizada via *e-mail*.

Antônio Fausto Neto é doutor em Ciências da Comunicação e da Informação na École des Hautes Études en Sciences Sociales, França (1982). É professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos e professor colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa, pesquisador 1A do CNPq e presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO).

O senhor dividiu suas reflexões em torno de três diferentes ângulos: universidade: mediação de conhecimento; universidade: marketização de conhecimento; e universidade e pandemização. Parece-nos que a compreensão dos três ângulos no contexto atual passa pelo modo como cada um deles incide sobre os outros dois. Como se dão ou não essas imbricações?

Antônio Fausto Neto – Adotei esta divisão visando discorrer sobre cenários em torno dos quais a instituição universitária faz escolhas sobre seus processos identitários; suas formas de intercâmbio entre seus segmentos; e suas relações com o tecido social mais vasto. Porém, é possível admitir que suas ações se façam, historicamente, em torno da escolha destas três possibilidades, e, neste caso, devemos ressaltar que, por longos anos, ela se constituiu uma instância de mediação de conhecimentos, algo potencializado, antes de mais nada, por seu patrimônio próprio – em termos intelectuais, científicos etc. – em contato com demandas de outros protocolos interacionais por parte da sociedade. Porém, já aí se vê a manifestação de um componente comunicacional ativado pelas políticas de extensão, constituídas enquanto vetor de contato e de intercambialidades com a sociedade, em termos mais amplos, e que viabilizam, ao mesmo tempo, que a universidade 'fale de si', bem como o compartilhamento de suas trajetórias de produção de conhecimento. Um segundo momento envolve a transformação da própria instituição universitária causada pelas afetações de suas lógicas próprias por lógicas que emanavam de práticas sociais diversas, como as do marketing etc. É um momento no qual a instituição universitária é transformada em agência, perdendo a especificidade de sua autonomia e constituindo-se em uma instância que, antes de mais nada, rentabiliza a sua identidade, em forma de imagens, segundo protocolos rigorosamente não universitários. É o momento em que nela se instalam serviços de relações públicas; de atendimento do consumidor; e outros protocolos que afetam também a noção de seus laboratórios, bem como o campo de aplicação de seus inventos, que passam a ser agenciados pelas lógicas de visibilidade e de outras formas de efeitos. Vale salientar que esta caracterização se projeta sobre as próprias condições de oferta de oportunidades

1 Doutorando PPGCC-Unisinos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2660251633559575. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2911-8606. E-mail: angeloneckel@gmail.com

2 Mestrando PPGCC-Unisinos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9848925390915978. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0783-6412. E-mail: fernanda.lagroteria@gmail.com

de estudo e de produção de conhecimentos, na medida em que programas de pós-graduação passam a ser nomeados segundo etiquetas do mercado, ao classificá-los como serviços A, B ou C. Momento também em que os pesquisadores abandonam a área de debates de ideias, definida por lógicas sociais, e passam a ser 'guiados' por desafios pautados pelas lógicas da datificação e seus efeitos sobre a classificação e o destino da pesquisa científica. O último aspecto – 'universidade e pandemia' – destaca-se como um 'efeito macro' da realidade impondo-se às instituições, suas agendas e motivações, de modo geral, e, de um modo muito especial, à universidade. Além do seu impacto mais amplo envolvendo aspectos biológicos, sanitários, educativos, ecológicos, econômicos, políticos etc., a pandemia e seu processo de circulação afetam de modo peculiar as rotinas e o funcionamento da produção da oferta universitária, centrada na atividade presencial do *campus*, laboratórios etc. E, por força dos seus efeitos, isso tudo vira um desafio para redimensionar as condições de ensino, ofertas de aprendizados etc. Não se trata apenas de se deslocar a sala de aula para o sistema remoto, mas também de se examinar as condições de transformação do ambiente do *campus*, de seus processos e lógicas de interação, em tempo real. Esta questão permanece em aberto, muito embora se observe que injunções marketológicas se insinuem para capitanear (capitalizar) iniciativas que envolvem alta complexidade de mutação, e que são reduzidas às campanhas de produção de imagem de instituições, no contexto da pandemia. Estas coisas se misturam, são permeadas por temporalidades e lógicas diversas, que se disputam, requerendo um processo de pilotagem que associe dimensões históricas, políticas etc. aos fatores conjunturais, motivacionais etc. Parece-me que, neste momento, os pesquisadores e cientistas podem perder a 'batalha' diante do ímpeto dos gestores identificados com motivações mercadológicas. Mas se trata apenas de um capítulo de uma longa história que vai se desenrolando de modo complexo.

Em resposta a uma questão sobre a universidade enquanto um arquivo que reúne saberes para serem disponibilizados, o senhor lembrou os cuidados especiais dos gestores universitários para com os arquivos, a exemplo dos livros confiados ao trabalho dos bibliotecários. Em tempos de expansão do alcance dos acervos das universidades em repositórios acessíveis a qualquer tempo e lugar e em diferentes formatos, onde está a figura do bibliotecário e quais as competências exigidas para a proteção desses acervos?

Antônio Fausto Neto – Não se trata apenas de 'guarda-livros', mas sua formação requer fundamentos históricos, culturais, estratégicos que lhes permitam compreender que seus serviços se articulam com a cadeia de outras iniciativas. E que o ato de arquivar e de preservar são iniciativas-meio que visam a efetivação de atividades-fim: tornar o arquivo disponível, possibilitando seu amplo manuseio bem como a circulação dos dados a fim de que a pesquisa possa girar, indo adiante. Após a 'revolução do acesso' provocada pela internet e suas transformações, as condições de produção de conhecimentos se dão de modo cada vez mais intenso, segundo processos de 'religâncias' (no sentido alcunhado por Morin), emergindo protocolos de simetrias finas que cada vez mais desafiam as diferentes comunidades de pesquisadores, como a dos bibliotecários.

Durante sua apresentação na mesa de debates, o senhor recomendou a leitura de um texto do pesquisador Pedro Gilberto Gomes sobre o "smart campus". Ainda, declarou que Gomes talvez estivesse um passo à frente na discussão sobre a universidade em tempos pandêmicos, porque uma das possibilidades de levar a vida da universidade adiante são os processos de midiatização. Como se dá a união entre esses processos de midiatização e as práticas da instituição universidade?

Antônio Fausto Neto – Entendo que, antes de tudo, se compreenda que a midiatização não é apenas um conceito abstrato e/ou longínquo... Não é uma 'varinha mágica' acionada como um instrumento ou uma variável estatística... Mas como dizem autores preocupados com a sua manifestação, como Sodré, Gomes, Verón, trata-se de uma modalidade de vida. Se a midiatização não for refletida de modo complexo e levada às últimas consequências, restará apenas em contextos institucionais que ignorarem seus fundamentos e complexidades, como uma referência – palavra de moda, ou apelo marketológico. A compreensão de sua complexidade passa por experimentações cuidadosas que requerem tempo, quadros cada vez mais envolvendo muitas disciplinas, segundo ambiente e esforço metodológico dinamizados por posturas simetrizantes, pacientes com os processos observacionais que vão gerando pistas para a constituição de novos objetos, disciplinas, cursos, protocolos de aprendizados etc. Neste caso, entendo, por exemplo, que precisamos alargar nossos olhares sobre o 'efeito smart', no sentido de examinar o que está sendo feito do 'lado de lá', da oferta inovadora, visando rastrear lógicas de manejo que a sociedade, através de lógicas por ela engendradas, faz com os dispositivos técnicos e seus protocolos. A universidade carece de laboratórios que estudem e se equipem para examinar as lógicas sociais visando completar assim o domínio do processo observacional sobre os fenômenos inovadores, inclusive na área de educação. São fenômenos que vão além das crenças dos gestores e que pedem escutas mais finas sobre suas manifestações. Ideias formuladas por autores como Bateson, Stingers, Luhmann, Maturana, Latour,

entre outros. Fazer una escala mais demorada nos laboratórios universitários, inclusive os da comunicação, que cuidam da transformação de suas estratégias (de ensino, aprendizado, pesquisa etc.), em tempos de pandemia e nos dias seguintes.

Devido a questionamentos feitos não só de parte da universidade sobre como lidar com a emergência de acontecimentos complexos como a pandemia, mas também de demandas da sociedade para a universidade e que nem sempre são atendidas, é necessário responder às defasagens e formular estratégias para buscar zonas de contato – não em uma perspectiva mercadológica, de conquista de novos consumidores, mas para a legitimidade do fazer universitário?

Antônio Fausto Neto – Acho que esta boa e lúcida questão está respondida no quesito anterior. Apenas acrescentaria que uma das iniciativas que pode ser entendida como algo que faz parte dos desafios impostos pela pandemia e as crises por ela provocadas envolve a criação e o desenvolvimento de treinamentos de pesquisadores que, em torno de laboratórios de observação e de ação, estejam voltados para a formulação de cenários e de processos de experimentações. Nestes tipos de ambientes, engajando pesquisadores, estudantes, gestores etc., hipóteses e propostas podem ser geradas, visualizando iniciativas de testagens etc., que indicariam a gênese de produtos que nasceriam na própria temporalidade cinzenta e interrogante da pandemia – que deixaria de ser um signo permeado pelas construções já cristalizadas, sendo dinamizada por prática – de ensino e pesquisa – do laboratório universitário.

Como a necessidade de formulação de perguntas sobre a construção do conhecimento pela universidade em contexto de pandemia se relaciona com a elaboração de falas e discursos em tempo real sobre o vírus? Ao mesmo tempo, como lidar com a própria velocidade de adaptação biológica da Covid-19 e a consequente exigência de respostas da universidade na elaboração de diferentes protocolos?

Antônio Fausto Neto – No momento, salvo exceções muito interessantes (porque são 'ações tentativas' por parte de algumas áreas de conhecimento), situar a pandemia como uma problemática que atravessa as condições de produção de conhecimento das universidades é um desafio. Sem o prejuízo de intentos curriculares etc., que têm a ver com o caráter formativo da universidade, seria possível imaginar que ela se colocasse no centro da problemática não apenas como uma 'instituição receptora' dos discursos sobre a pandemia, mas que explicitasse a singularidade do seu próprio 'lugar de falar' sobre a pandemia – algo que estaria diretamente associado à capacidade criativa dos seus pesquisadores, professores, estudantes etc.

O senhor apresentou algumas metáforas em sua conferência. Uma delas é a dos professores como carteiros responsáveis por transportar para os circuitos da sociedade os conhecimentos que a universidade produz. Minha questão não é sobre o teor desta e de outras metáforas, mas sobre como a metáfora estimula o pensamento e a escrita acadêmica.

Antônio Fausto Neto – Só há história, conhecimentos, sentidos etc., se há narrativa. Somente sabemos sobre os sentidos criados após a produção e circulação de mensagens... O escrever tem o seu lado 'mecânico' – nosso encontro com regras que concatenam a elaboração de mensagens. Mas somente nos deparamos 'com o que isso quer dizer' quando atravessamos a rota, e 'só depois' é que nos damos conta dos efeitos dos nossos escritos – algo que nos surpreende. Resulta uma "incongruência" constituída por duplo movimento: de um lado, o que envolve nossa relativa autonomia para escrever; relativa porque estamos sempre subordinados ao mundo das linguagens e as operações que elas requerem para que a mensagem seja tecida. De outro, o fato de que a mensagem sempre produz efeitos, que não são necessariamente os que tecemos em produção, e que seriam compartilhados automaticamente pelos nossos interlocutores. Sentidos outros afloram, derivados e gerando outras construções. Coloca-se uma inevitável 'brecha' que nos põe na busca de uma intercambialidade de sentidos, mas que não se realiza de modo simétrico. Continuamos tentando as aproximações das simetrias entre sentidos, inclusive com o recurso de metáforas etc. Mas são apenas aproximações, uma vez que mensagens são produzidas e circulam sempre, sob a 'égide' deste 'desajuste'. Este é um desafio e que nos torna seres inventivos. Tentativos.

Referências

MIDIATICOM. IV Seminário Midiatização – Mesa 4 – A Universidade: transversalidades com a midiatização contemporânea. Youtube, 23 jan. 2021. (165min27s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SAn4uTWNAIE. Acesso em: 23 jan. 2021.

MIDIATICOM. IV Seminário Midiatização – Mesa 4 – Universidade – Antonio Fausto Neto. Youtube, 31 dez. 2020. (10min17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tfw1oulXFLY. Acesso em: 02 jan. 2021.

Artigo submetido em 23-08-2021
Aceito em 23-08-2021